

# O SABER NÃO OCUPA LUGAR

Duvido sempre das pessoas que nada mais precisam de aprender, porque já sabem tudo. Porém, cada dia que passa é sempre mais uma página do livro da Sabedoria que se volta. E, há sempre tanto que aprender!

Todos nós devemos transmitir aos outros os nossos conhecimentos ou cultura, num verdadeiro espírito de partilha, ajudando na sua formação, quer doutrinária, quer espiritual, quer prática.

Nos nossos grupos vicentinos, naturalmente que o crescimento quantitativo é importante. Mas, sem dúvida, considero ainda de maior valia o crescimento qualitativo e, conseqüentemente, actualizado, isto é, atento aos “sinais dos tempos”.

Devemos, antes do mais, definir os dias que estamos a viver, como verdadeiros marcos a assinalar verdadeiras viragens.

A humanidade cada vez tem mais consciência dos seus direitos, sem a equivalente noção dos seus deveres.

Sabemos que, por nossos próprios méritos, nada fazemos e nada conseguimos. O segredo da vitória está na graça de Deus, que nela opera. O nosso trabalho, nestes tempos de globalização, não pode ser apenas um esforço de boa vontade, até porque verificamos que a tendência de muitos não é para a renovação, mas antes para a adaptação ou a instalação. Torna-se necessário rever muito do que se faz, pois nada está bem, quando pode estar melhor.

Todos devemos saber que nunca há uma obra ou instituição, com o cariz da nossa, que esteja acabada, pois qualquer obra que valha alguma coisa está permanentemente inquieta, não guardando esquemas do passado, mas encontrando respostas para o presente, com vista à preparação do futuro.

Assim, deve-se proceder a um alargamento sistemático das várias acções de formação, no sentido de mobilizar responsavelmente todos os vicentinos.

*“Trata-se de perceber que nos encontramos perante uma encruzilhada que nos obriga a tomar decisões fundamentais. E que exige de todos, queiramos ou não, a necessidade de construir uma nova cultura, não com base numa utopia, mas fundada naquilo que é, verdadeiramente, o ser humano” (Pe. Nuno Brás).*

De modo concreto, intensificar acções de estudo e formação sobre a “vocação” e o “compromisso” vicentinos, não olvidando o sentido “técnico” da acção, tão importante nos dias de hoje, tudo isto acompanhado de uma reestruturação a todos os níveis para tornar mais eficaz a acção de proximidade que caracteriza de modo especial o trabalho vicentino. Esta deve preocupar-se, prioritariamente, com a promoção do homem na sociedade, através de um sentimento de afecto e respeito pela dignidade de cada pessoa.

Sugiro mesmo que, especialmente nas Conferências, por se tratar de grupos mais pequenos e, portanto, com mais facilidade de captarem a formação, se faça um trabalho sistematizado de modo a que todos os vicentinos, sem excepção, conheçam as linhas orientadoras da sua acção, a nível local, nacional e até internacional.

Nos tempos de viragem que correm e nos quais tudo é de acção imediata, face aos gravíssimos problemas sociais que afectam milhões de pessoas, isto não é pedir muito, mas sim pedir o que é necessário e urgente.

Resta-me esperar que os responsáveis das Conferências, e não só, promovam com entusiasmo o que a situação lhes impõe e que tornará os vicentinos mais conscientes das suas responsabilidades e mais aptos a enfrentar os problemas que vão surgindo em catadupa.

Há que redescobrir os valores universais da paz, solidariedade, justiça e liberdade, sobre os quais se funda a “civilização do amor”.

Por fim, vem também a necessidade de acentuar a formação da consciência social, sobretudo através da Doutrina Social da Igreja, em ordem ao restabelecimento da justiça social e dos direitos humanos. 🌐

Quem perde os seus bens, perde muito; quem perde um amigo, perde mais; mas quem perde a coragem, perde tudo.

(Autor desconhecido)

# EDUCAR OS JOVENS PARA A JUSTIÇA E A PAZ



O Santo Padre Bento XVI escolheu o seguinte tema para a celebração do 45.º Dia Mundial da Paz do próximo 1 de Janeiro de 2012: «Educar os jovens para a justiça e a paz». O tema refere-se a uma questão urgente no mundo de hoje: escutar e valorizar as novas gerações para a realização do bem comum e a afirmação de uma ordem social justa e pacífica, na qual se possam actuar e expressar plenamente os direitos e

as liberdades fundamentais do homem.

Portanto, é um dever das gerações actuais preparar as futuras para exprimir de modo livre e responsável a urgência de um «mundo novo». A Igreja acolhe os Jovens e os seus anseios como o sinal de uma primavera sempre promissora e indica-lhes Jesus como modelo de amor que «renova todas as coisas» (Ap 21, 5).

Os responsáveis do Estado são chamados a agir a fim de que instituições, leis e âmbitos da vida sejam permeados por um humanismo transcendente que ofereça às novas gerações oportunidades de realização plena e de trabalho para construir a civilização do amor fraterno coerente com as mais profundas exigências da verdade, liberdade, amor e justiça do homem.

Portanto, isto explica a dimensão profética do tema escolhido pelo Santo Padre, que se insere no plano da «pedagogia da paz» traçado por João Paulo II em 1985 («A paz e os jovens caminham juntos»), em 1979 («Para alcançar a paz, educar para a paz») e em 2004 («Um compromisso sempre actual: educar para a paz»).

Os jovens devem ser agentes de justiça e paz num mundo complexo e globalizado. Isto torna necessária uma nova «aliança pedagógica» de todos os responsáveis. O tema preanuncia uma etapa preciosa do Magistério proposto por Bento XVI nas Mensagens para a celebração do Dia Mundial da Paz, iniciado no sinal da verdade (2006: «Na verdade a paz»), prosseguido com as reflexões sobre a dignidade do homem (2007: «Pessoa humana, coração da paz»), a família huma-



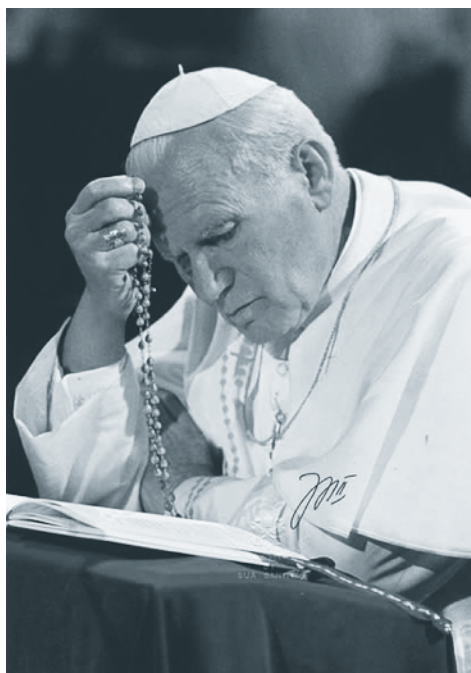
na (2008: «Família humana, comunidade de paz»), a pobreza (2009: «Combatei a pobreza, construí a paz»), a salvaguarda da criação (2010: «Se quiseres cultivar a paz, salvaguarda a criação») e a liberdade religiosa (2011: «Liberdade religiosa, caminho para a paz»); e que agora se dirige às mentes e aos corações pulsantes dos jovens: «Educar os jovens para a justiça e a paz». 🌐

*Benedictus PP XVI*

# O PAPA QUE NOS ENSINOU A REZAR

**Das muitas viagens que fez pelo mundo, das peregrinações apostólicas que o trouxeram até Portugal, poucos momentos mais fortes poderemos guardar do que quando esteve a rezar aos pés da imagem da Virgem de Fátima, no Santuário, em 1982. Foram longuíssimos minutos... em silêncio.**

Quem esteve lá, naqueles dias, a acompanhar o Papa João Paulo II na sua primeira visita a Portugal, para agradecer à Virgem ter sobrevivido ao atentado na Praça de São Pedro, em Roma, no dia 13 de Maio de 1981, dificilmente esquecerá a imagem do Santo Padre ajoelhado, com a cabeça enterrada entre as mãos, completamente concentrado, como se à sua volta não estivesse uma multidão, não estivessem dezenas de jornalistas de microfone em punho, com as câmaras de televisão, em directo, a mostrar ao mundo o Papa a rezar. “Aquele momento foi considerado o maior programa de televisão. Foram três quartos de hora em silêncio, sem som absolutamente nenhum. Ele, de joelhos, diante da imagem de Nossa Senhora”. O padre António Rego, então jornalista do programa “70X7” da RTP 1, recorda esse momento em que João Paulo II se ajoelhou e se deixou ficar em adoração e oração profunda junto da imagem da Virgem.



## **Profunda fé em Maria**

Estar ali significava que toda a sua viagem a Portugal estava justificada. O Papa acreditava firmemente que tinha sido Nossa Senhora a salvá-lo das balas assassinas que o turco Ali Agca tinha desferido a apenas três metros de distância, no Vaticano.



“Uma mão disparou e outra desviou a bala”. A certeza da intervenção da Mãe de Deus veio dar ainda maior robustez à profunda fé mariana de Karol Wojtyła, que ofereceu o seu pontificado a Nossa Senhora.

### **A extrema-unção**

Quando caiu ferido, pelo impacto das balas, poucos ousavam acreditar que João Paulo II iria sobreviver ao atentado. Sempre a seu lado, Stanislaw Dziwisz, então seu

secretário pessoal, ministrou-lhe a extrema-unção. O mundo, perplexo, rezava e chorava. Ainda agora, tantos anos decorridos, os próprios peritos em balística têm dificuldade em compreender como aquelas balas não trespassaram nenhum órgão vital, permitindo que o Santo Padre, apesar de esvaído em sangue, conseguisse escapar. 🌊

*In “Voz da Verdade”*



# É URGENTE NOVA REFLEXÃO SOBRE O SENTIDO DA ECONOMIA

João Paulo II

*Na Mensagem para o 33º. dia mundial da paz o Papa falou expressamente da revisão do conceito e da prática da economia. Transcrevemos:*

1. É forçoso interrogar-se sobre o mal-estar crescente que sentem hoje em dia muitos especialistas e agentes económicos face aos problemas que se levantam no âmbito da pobreza, da paz, da ecologia, do futuro dos jovens, quando reflectem sobre a função do mercado, a omnipresente dimensão monetária e financeira, a separação entre o económico e o social, e outros temas semelhantes da actividade económica.

Chegou talvez o momento de *uma nova e profunda reflexão sobre o sentido da economia e dos seus fins*. A este respeito, torna-se urgente reconsiderar a própria concepção do bem-estar, para que não fique dominada estritamente por uma perspectiva utilitarista, deixando um espaço completamente marginal e excedente para valores como a solidariedade e o altruísmo.

2. Desejo convidar os cultores da ciência económica, os agentes do sector e ainda os responsáveis políticos a darem-se conta da urgência de fazer com que a prática económica e as respectivas políticas pro-

curem o bem de todo o homem e do homem todo. Exige-o não só a ética, mas também uma sã economia. Parece, de facto, confirmado pela experiência que o sucesso económico está cada vez mais condicionado pelo facto de serem valorizadas as pessoas e as suas capacidades, promovida a participação, cultivados mais e melhor os conhecimentos e as informações, incrementada a solidariedade.

Trata-se de valores que, longe de serem estranhos à ciência e à acção económica, contribuem para fazer delas realidades integralmente “humanas”. Uma economia que não tenha em consideração a dimensão ética nem se preocupe com servir o bem da pessoa – de toda a pessoa e da pessoa toda – de per si não se pode sequer chamar “economia”, entendida como uma gerência racional e proveitosa da riqueza material.

3. Não obstante ser chamada a formar uma única família, a humanidade encontra-se ainda dramaticamente dividida em duas pela pobreza: no início do século XXI, mais de um bilião e quatrocentos milhões de pessoas vivem numa situação de pobreza extrema. Por isso, é parti-

cularmente urgente *uma revisão dos modelos que inspiram as opções de desenvolvimento*.

A este respeito, será preciso harmonizar melhor as legítimas exigências da eficiência económica com as da participação política e da justiça social, sem voltar a cair nos erros ideológicos cometidos no século XX. Concretamente, isso significa permear de solidariedade as redes das interdependências económicas, políticas e sociais, que os processos de globalização em acto tendem a aumentar.

Tais processos exigem uma *revisão da cooperação internacional em termos de uma nova cultura de solidariedade*. Concebida como semente de paz, a cooperação não pode reduzir-se só à ajuda e assistência – quem sabe se a pensar nas vantagens que advirão dos recursos postos à disposição! Mas, deve traduzir-se num compromisso concreto e palpável de solidariedade, de modo que torne os pobres protagonistas do seu desenvolvimento e consinta ao maior número possível de indivíduos dar asas, nas circunstâncias económicas e políticas concretas onde vivem, à criatividade típica da pessoa humana, de que depende também a riqueza das nações.

É preciso, de modo particular, encontrar soluções definitivas para o velho problema da dívida internacional dos países pobres, continuando a garantir ao mesmo tempo os financiamentos necessários para a luta contra a fome, a subnutrição, as doenças, o analfabetismo e a degradação ambiental.

4. Hoje de forma mais urgente que no passado, há necessidade de *cultivar a consciência para os valores morais universais*, a fim de enfrentar os problemas do presente cuja característica comum é a dimensão mundial que vão assumindo. A promoção da paz e dos direitos humanos, a resolução dos conflitos armados internos e externos aos Estados, a tutela das minorias étnicas e dos migrantes, a salvaguarda do ambiente, o combate contra doenças terríveis, a luta contra os traficantes de droga e de armas e contra a corrupção política e económica são problemas que nenhuma nação é capaz hoje de enfrentar sozinha; dizem respeito a toda a comunidade humana e, por isso, devem ser enfrentados e resolvidos numa acção conjunta.

Deve-se encontrar a estrada para discutir, com uma linguagem compreensível e comum, os problemas postos pelo futuro do homem. O fundamento deste diálogo é a *lei moral universal*, escrita no coração do homem. Seguindo esta «gramática» do espírito, a comunidade humana pode enfrentar os problemas da convivência e caminhar para o futuro respeitando o desígnio de Deus.

Do encontro entre fé e razão, entre sentido religioso e sentido moral, provém um contributo decisivo para o diálogo e a colaboração entre os povos, entre as culturas e as religiões. ☺

*In “Síntese” (Janeiro/Março/2000)*



# Carta Encíclica de João XXIII

## 50 ANOS DA MATER ET MAGISTRA

**Publicada a 15 de Maio de 1961, a *Mater et Magistra* de João XXIII é considerada um dos principais documentos da doutrina social da Igreja. As suas respostas aos problemas sociais da época podem servir de solução aos desequilíbrios actuais.**

Para marcar o 50.º aniversário da *Mater et Magistra* o Conselho Pontifício “Justiça e Paz” organizou, no passado mês de Maio, em Roma, um congresso internacional com o objectivo de estudar, difundir e experimentar a doutrina social da Igreja, a partir da encíclica de João XXIII e da *Caritas in Veritate* de Bento XVI.

A originalidade da *Mater et Magistra* consistiu em trazer para a doutrina social da Igreja os graves problemas do sector agrícola e dos trabalhadores do campo, dos que passam fome, a dificuldade de acesso à terra para os que nela trabalham, os desequilíbrios entre a agricultura, a indústria e os serviços e ainda as desigualdades entre os países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento.

### João XXIII no seu tempo

Na altura, o Papa João XXIII sugeriu três critérios para analisar e resolver os problemas da conjuntura mundial: a verdade, o amor

e a justiça, elementos que Bento XVI retomou na *Caritas in Veritate* e aos quais acrescentou o princípio do destino universal dos bens que, para o actual pontífice continuam sendo “os pilares para interpretar e procurar solucionar também os desequilíbrios internos da globalização actual”.

A encíclica surgiu num contexto marcado pela questão social, pelo papel crescente dos sindicatos que reivindicam a melhoria nas condições de trabalho, pelo desequilíbrio entre o sector agrícola obsoleto e a rápida modernização da indústria e dos serviços, pelas desigualdades entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, pela queda dos colonialismos e pelo aparecimento do neocolonialismo depois da euforia das independências.


A nível eclesial, o Papa Roncalli marca uma viragem com a convocação do Concílio Vaticano II. A Igreja passa a estar menos centrada em si mesma e mais focada nas necessidades e angústias da humanidade,

está atenta aos “sinais dos tempos” e a responder aos gritos dos pobres, numa atitude mais pastoral e menos defensiva.

### **Novidades da *Mater Et Magistra***

As grandes novidades da *Mater et Magistra* foram, em primeiro lugar, como o título indica, o facto de a Igreja se apresentar como “mãe e mestra”, que anima mais do que reprova, corrige mais do que condena, ama mais do que recrimina. Pela primeira vez um documento pontifício dirige-se não só aos bispos, clero e fiéis, mas a “todos os homens de boa vontade”. Nova foi também a ideia de que a construção de um mundo mais justo é tarefa de todas as pessoas e instituições civis, nacionais e internacionais, dos Estados e dos sindicatos. É neste

sentido que a encíclica deu o seu apoio a duas organizações internacionais, a Organização Mundial do Trabalho e a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação.

Na audiência aos 200 participantes no congresso internacional que assinalou os 50 anos da *Mater et Magistra*, Bento XVI assinalou a “grande actualidade também no mundo globalizado” do documento pelas respostas que deu aos problemas de então e que podem servir de critérios de análise e solução aos desequilíbrios de hoje. O Papa reafirmou a necessidade de uma nova evangelização do social que ofereça “luz para os desafios e exigências da justiça e do bem comum”. 

*In “Voz da Verdade”*



# SERVINDO NO TRABALHO

*Eu, porém, estou entre vós como quem serve.*

*Lc 22,27*

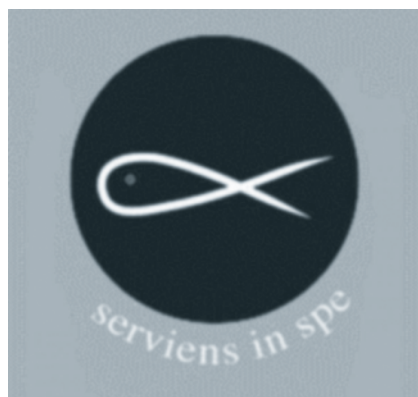
***Não existe nenhuma melhor forma de assegurar a nossa felicidade eterna que viver e morrer a serviço do Pobre, nas mãos da Providência e em uma real renúncia de nós mesmos, seguindo Jesus Cristo.***

***SV III, 392***

Cônjuges, filhos, professores, estudantes, doutores, enfermeiras, advogados, trabalhadores manuais – todos são chamados a construir suas vidas de acordo com o mandato evangélico de servir. O serviço evangélico pode ser simples como “dar um copo de água fresca” (Mt 10,42) a quem tem sede. Do proeminente político que se coloca como um servidor público, à pessoa pobre que encontra formas de ajudar aqueles que são ainda mais pobres – todos devem abraçar, a seu modo, o papel de serviço mostrado por Jesus.

Jesus irradia alegria como um servidor. Ele nos diz que “há mais felicidade em dar que em receber” (At 20,35). Na Família Vicentina, nós nos alegramos em ser os servidores dos Pobres, “nossos senhores e mestres”. Como servidores, nós nos esforçamos, seguindo os passos de Cristo, para manter limitadas as nossas necessidades, para agradecer a Deus pelo que temos e por ser generoso com as nossas posses e para pedir apenas um pouco mais do que o amor de Deus.

Nosso serviço é que nos molda. O trabalho desenvolve o trabalhador. Ele tem um papel muito importan-



te na vida de todos. Não serve para acumular, mas para doar. Desta forma, muitas vezes o nosso trabalho será um fardo, algumas vezes será uma cruz: através dele, seremos co-criadores com Deus. Como servidores, somos chamados a trabalhar duro. Esta é a porção dos que servem. Já que, na Família Vicentina, o serviço ocupa uma parte significativa do nosso tempo, a escolha do que fazemos, de nossos projectos, requer considerável discernimento.

O tempo é um dom a ser cultivado como um tesouro. É muito fácil desperdiçá-lo com assuntos inúteis, tais como fofocas. São Vicente nos manda utilizar bem o nosso tempo.

A caridade contínua é a forma mais importante de seguirmos Cris-

to. “Nisto todos saberão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35). Considere-se recebendo uma ordem e um chamado, estando sempre à disposição do “menor dos Meus irmãos e irmãs”.

Jesus relembra continuamente aos líderes que são membros de uma Igreja servidora. “Se alguém quiser ser o primeiro”, diz a seus discípulos, “deve ser o último de todos e o servidor de todos” (Mt 9, 35). Os que estão em posição de liderança, seja no trabalho ou na política ou em qualquer outra posição, são chamados a exercer autoridade humildemente e trabalhar para criar condições justas de vida e trabalho para os que eles servem.

A doutrina social católica, proclamada de modo tão eloquente, mas frequentemente pouco conhecida, foca sobretudo os mais necessitados da sociedade. Este é o princípio fundamental da “opção preferencial pelos Pobres”, da Igreja. O comprometimento com esta tradição nos ajudará a ver o mundo e o Pobre com os olhos de Jesus.

São Vicente disse aos seus seguidores que os Pobres são a grande realza da Igreja. No mundo da fé, os mais necessitados são reis e rainhas; nós somos os seus servos. É a eles, especialmente, que devemos escutar e obedecer.

Muitas vezes, o seu trabalho de amor pelos mais necessitados não será solicitado. Você vai encontrar frustrações, reclamações e críticas, quando servir os outros. Mas se perseverar com um amor que manifesta alegria, entusiasmo e generosidade,

você crescerá em profundidade na vida de Jesus.

São Vicente e muitos outros santos aprenderam a seguinte regra do Senhor: primeiro faça, depois ensine. Como seguir esta regra?

- 1) Através da linguagem das obras: realizar as obras de justiça e misericórdia – que são um sinal de que o Reino de Deus está efetivamente vivo entre nós – tais como alimentar os famintos, dar de beber a quem tem sede, ajudar na busca das causas da sua fome ou sede e de meios para aliviá-las, fazer doações para as obras de caridade que servem as necessidades imediatas dos Pobres, contribuir com organizações que trabalham para mudar as estruturas e ajudar aqueles em desvantagem a sair da pobreza;
- 2) Através da linguagem das palavras: falar sincera e verdadeiramente, assegurando aos outros que as suas preces são para eles e realmente fazendo, assim; anunciar com convicção profunda a presença do Senhor, seu amor, sua oferta de perdão e sua aceitação de todos;
- 3) Através da linguagem dos relacionamentos: estar com os Pobres, trabalhar com eles, formar uma comunidade com eles, que mostre o amor do Senhor por cada um deles individualmente; desenvolver dons pessoais genuínos baseados no respeito pela dignidade pessoal dos outros.

A espiritualidade de nossa Família coloca bastante ênfase em tudo o que é concreto, prático. “Amemos a

Deus, amemos a Deus”, São Vicente relembra os seus seguidores, “mas que seja com a força dos nossos braços e o suor do nosso rosto” (SV XI, 40). Mas São Vicente também ensina que a chave da perseverança no serviço amoroso do próximo é a habilidade de combinar acção e oração, reconhecendo humildemente que Deus é a fonte de todo o bem.

Como membros de uma Família, servimos com os outros. Nós, como membros desta Família, unimos os nossos dons ao serviço de Deus e ao serviço dos Pobres. Nós trabalhamos e rezamos, planejam e avaliamos juntos. Nós organizamos projectos entre os necessitados, cada um contribuindo com os seus talentos. Nós convidamos outros a se juntarem a nós para ajudar os marginalizados, de forma a multiplicar as nossas forças como uma Família que concentra a sua atenção nos Pobres.


Pelo fato de possuir uma vocação *leiga*, você tem um papel especial na evangelização do mundo da cultura, da política, da economia, das ciências, das artes, da sociedade civil e da mídia.

Hoje, os leigos e as leigas também são chamados a exercitar uma grande variedade de ministérios na Igreja: como líderes de comunidades locais: pequenas e grandes; como catequistas, professores, directores de oração; como líderes de celebrações da Palavra de Deus; como ministros de enfermos em suas casas e em hospitais; e como servos dos Pobres. No futuro, mais ainda do que no presente, os leigos servirão no planeamento e administração das paróquias, na animação das orações, através da

música e da arte, criando sites na internet e evangelizando de inúmeras outras formas, tanto directa, quanto indirectamente.

Como membro leigo da Família Vicentina no século 21, você é chamado a ser não somente bem instruído no campo secular, mas bem formado na fé. De fato, a formação na fé é crucial para o crescimento na vida em Deus. Membros leigos de nossa Família recebem formação primeiramente em suas casas, depois também nas escolas católicas, nos programas paroquiais de educação religiosa e nos grupos de jovens. De uma forma contínua, ao longo de suas vidas, a leitura de materiais como jornais, livros, revistas e sites católicos manterá os leigos bem informados e os nutrirá em sua fé.

Um perigo na vida dos servidores é o activismo. Se um contemplativo pode ter a tentação de viver como um anjo, o servidor pode tentar viver como um messias, carregando em seus ombros os problemas do mundo. Se o primeiro faz pouco demais, o último tenta fazer demasiado, exagerando no trabalho e na motivação, mas desiludindo-se e amargurando-se. São Vicente chamava isto de “zelo indiscreto” (SV I, 84).

Deus nos chama não somente para trabalhar, mas também para repousar. Na realidade, Deus nos manda descansar (Ex 20,8; Sl 127,2). Num mundo frenético, é importante aprender a relaxar e a desenvolver bons hábitos de lazer, tais como a leitura, os exercícios físicos e a diversão através da música e da arte. 

*In “Transformando tudo em amor”*



# A OPORTUNIDADE DA AUSTERIDADE

As nossas atenções estão naturalmente centradas na crise financeira, a perda de confiança dos nossos credores na nossa capacidade de cumprir as nossas obrigações, que nos obrigou a ir pedir ajuda a organizações amigas. Mas até essas questões estão ligadas a um problema mais profundo, a chamada «década perdida».

Portugal, nos dez anos de 2000 a 2009, viu crescer o produto per capita em dólares a preços constantes em 0,27% ao ano, uma taxa próxima da estagnação, que no último século só é superior à que tivemos na primeira década da República, 1910 a 1919. Dos países próximos só a Itália cresceu menos. Como nos próximos anos andaremos em recessão devido aos custos de ajustamento, a situação vai manter-se.

Isto não é uma fatalidade e não aconteceu por engano. Foi o resultado de estratégias erradas; aliás ligadas ao mesmo fascínio pelo endividamento fácil que gerou a crise financeira. O nosso país, depois de ter batido recordes de crescimento de 1960 a 1990, deixou-se embalar, a partir de meados dos anos 1990 na ilusão que agora nos destrói.

É importante dizer também que a

estratégia não foi gerada por más razões. Foram sempre com excelentes motivos, mas que pesavam sobre a economia produtiva. Construir estádios de futebol, investir no TGV, auto-estradas isoladas, acumular os regulamentos, fiscalizações, portarias e exigências, pareciam sempre coisas muito boas. Empresas municipais fictícias, sectores protegidos pelo Estado, subidas de salários, pensões, subsídios tinham sempre os melhores motivos. O problema é que tudo isso caía sempre em cima do sector produtivo, que tem de pagar por todos, e que se via crescentemente espartilhado por mil e um bloqueios. Não admira que não cresça.

Mas é importante lembrar que Portugal tem hoje uma economia vasta e desenvolvida, e já não é aquele país pequeno e homogéneo que fez a revolução de Abril. Isso significa que existem largos sectores e múltiplas empresas em crescimento saudável e equilibrado, que fazem a sua vida no silêncio da alma do negócio. Por outro lado há ainda mais companhias em grandes dificuldades ou recentemente fechadas. O panorama é ainda muito complexo e variado, desafiando as ideias feitas e os chavões de ocasião.

No que toca à desigualdade, Portugal tem tido uma flutuação nos últimos vinte anos, sem tendência clara de aumento ou diminuição. Mantém-se como um dos países mais desiguais da Europa ocidental, apesar de ter registado importantes reduções na pobreza, sobretudo graças às transferências sociais. Mas não tem sido possível obter melhorias na disparidade, sobretudo por causa dos salários, que se mantém muito desiguais. Agora aguardam-nos anos de austeridade e aperto, devendo nós ajustar as nossas despesas ao nível dos nossos proveitos, de forma a pagar as dívidas acumuladas na última década e meia. Qual será o impacto desse ajustamento sobre o desenvolvimento e a desigualdade? Evidentemente que serão tempos difíceis. Apesar disso a evolução dependerá muito da condução política do país.

O «memorando de entendimento» acordado entre Portugal e a Comissão Europeia, BCE e FMI define metas apertadas e propósitos severos. Mas deixa muita margem de manobra na forma como serão atingidos esses objectivos. O Governo português terá liberdade na partilha dos sacrifícios e na definição dos apertos.

Isso quer dizer que, embora sempre numa trajectória de dificuldade e redução de despesas, este período pode representar uma oportuni-

dade de abertura, desenvolvimento e convergência, preparando as condições para o futuro surto de progresso. Aliás esta é uma circunstância que já nos aconteceu no passado, aproveitando momentos de dificuldade para lançar novas dinâmicas e oportunidades.

Para isso seria preciso que dois aspectos fossem acautelados na implementação das medidas: a defesa das empresas produtivas, que são quem sustenta o país, e das classes mais pobres, que são quem o país tem o dever de proteger. Infelizmente não são essas as forças que comandam o poder político desde o período que conduziu à crise. Foi precisamente por causa dos interesses dos grupos instalados junto ao Orçamento de Estado que a dívida inchou e Portugal caiu na crise financeira actual.

Os próximos anos representam uma importante oportunidade de reestruturação. Se os portugueses retomarem uma atitude mais produtiva, austera e dinâmica, se souberem preservar os equilíbrios sociais, eliminar privilégios injustificados e direitos exagerados, criaremos uma economia e sociedade mais flexíveis e enérgicas, e Portugal deixará de perder décadas. ➡

*In "Ecclesia"*

*\*Economista*

# A SOLIDARIEDADE NÃO É MERA COMPAIXÃO, MAS UMA VIRTUDE HUMANA E CRISTÃ

É uma virtude porque:

- Deve ser um hábito de vida e não uma resposta pontual a situações de calamidade.
- É uma determinação firme e perseverante e não uma simples ajuda material.
- É uma exigência de empenhamento pelo bem comum e não um exercício intelectual.
- É uma capacidade de renunciar a alguma coisa para facilitar a realização dos outros.

É uma virtude humana:

- Dever de consciência enquanto cidadão, e não fruto de uma disposição.
- A única resposta válida à crescente globalização ligando-se a todos os povos e nações.

Não podemos ser solidários a nível nacional e sermos individualistas a nível planetário.

- O meio mais eficaz contra as causas que travam o desenvolvimento integral: a avidez exclusiva do lucro e da sede de poder, a qualquer preço.

É também uma virtude cristã muito



semelhante à caridade com as dimensões cristãs da gratuidade total, do perdão e da reconciliação, que se fundamenta na convicção de que Deus é o Pai de todos. Por isso devemos na solidariedade de:

- Olhar o outro como um irmão; amar a pessoa por si mesma: fazer o bem, ensinar a verdade, de nos dar bem uns com os outros. Amar especialmente aqueles que aos olhos da sociedade não são dignos e não merecem. (Lc 15, 11-31 – Filho Pródigo).
- Cuidar do outro: porque todos somos responsáveis por todos, especialmente os mais abandonados pelos povos, especialmente os mais pobres, pelo meio

ambiente que devemos proteger, conservar, respeitar de modo a melhorar a qualidade de vida. Devemos também cuidar das gerações futuras, para as quais temos a obrigação moral de deixar um mundo habitável.

- Ser solidário é, antes de mais, estar atento a tudo o que nos rodeia, numa atitude interessada e interactiva. Ver com “olhos de ver”, ou seja, olhar com o coração e a inteligência e ouvir para além das palavras ditas melhor dizendo, escutar os apelos dos que estão em dificuldades.
- Ser solidário é estar próximo não para ver melhor o que já se conhece mas para tornar mais eficaz a acção que se impõe. Assim, este “estar próximo” não é uma condição geográfica, mas de motivação. Todavia, é conveniente ter em conta que a solidariedade verdadeira não pode privilegiar quem dela precisa à distância em detrimento dos que são vizinhos. Em situações mais longínquas ou mais perto, o ser próximo é sempre uma atitude do coração. É ter compaixão.
- Ser solidário é partilhar o que se é, o que se sabe e o que se tem. Não é apenas dar, mas envolver-se por inteiro. Ser parte da solução para os problemas identificados.
- Ser solidário é comprometer com responsabilidade e determinação.

É neste sentido que a solidariedade se torna gémea da cidadania, sendo o exercício do voluntariado a expressão concreta do compromisso decorrente do ser cidadão em pleno. A participação em associações de cariz político/partidário, de solidariedade, de cultura, de ambiente, de desporto... não esgotam o compromisso cívico devido a cada cidadão, mas é uma forma objectiva de o concretizar.

- Ser solidário é transformar o mundo, contribuindo para «a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas» (PP 20). A solidariedade não é reactiva mas propositiva, fazendo de cada um dos seus gestos actos de denúncia das situações injustas e de anúncio de uma ordem nova.

Para que a solidariedade seja assim é necessário que ela se torne cultura, investindo mais na educação para os valores, que reforce os laços familiares, apoie a dinamização comunitária e valorize mais a dimensão espiritual do que a material de cada ser humano. Só assim será possível restituir a esperança e edificar um mundo mais humano para as gerações futuras. 🌊

Parte conclusiva do texto apresentado na Assembleia Diocesana do Conselho Central do Funchal

# A POBREZA E OS VICENTINOS

Nós, vicentinos, atuamos no campo da caridade e da evangelização, junto a pessoas carentes, buscando nossa santificação e a melhoria das condições de vida de nossos assistidos. Contudo, uma boa parte dos vicentinos tem uma visão ainda restrita sobre a pobreza.

Aliás, não só os vicentinos, mas a sociedade em geral emprega a expressão “pobreza” quando geralmente deseja referir-se a aspectos econômicos, ou seja, à “pobreza material”. Pessoas que “vivem na pobreza” seriam aquelas a quem

lhes falta o mínimo exigido para que tenham uma vida razoável, por exemplo, casa, comida, roupas, bens, segurança, etc. Todos, conscientemente ou não, reduzimos o conceito de pobreza a exatamente isso: uma família pobre é aquela que vive de forma precária, sem usufruir os benefícios e do conforto da modernidade.

Contudo, além da pobreza econômica, há infinitas formas de pobreza, como a pobreza afetiva e sentimental, a pobreza educacional e intelectual, a pobreza política, a





pobreza familiar, a pobreza de saúde. Uma das pobreza mais desoladoras é a incapacidade de sonhar e de transformar a realidade. Muitas Conferências vicentinas situadas em países desenvolvidos, ou seja, com excelentes condições de vida, atuam junto a drogados, doentes e pessoas que vivem na solidão, pois são as carências que podemos encontrar nesses países.

Mas a pior das pobreza, sem dúvida, é a falta de Deus, a chamada “pobreza espiritual”, isto é, aquela na qual as pessoas levam uma vida caracterizada pela falta do necessário para uma vida de comunhão com Deus. A pobreza espiritual pode ser caracterizada pela falta de conhecimento, de oração e de serviço. Assim explicando: quem não conhece a Deus e a Jesus, nem vive sua Palavra, não pode jamais ter vida espiritual (adoração, oração e salvação), portanto sem prática de serviço (caridade).

É um ciclo vicioso que gera a pobreza espiritual. A pessoa nestas condições possui uma fé instável, desânimo, falta de esperança e ausência de temor a Deus. A pobreza espiritual pode ser definida como a característica pela qual uma pessoa dá mais valor às coisas da Terra do que às coisas de Deus.

Cristo nos oferece uma “vida em abundância”, ou seja, de riqueza

espiritual, que consiste na prática das bem-aventuranças e das obras de misericórdia. Já a pobreza espiritual tem como foco as obras da carne. Contudo não devemos confundir pobreza espiritual com o que Cristo nos pregou no Sermão da Montanha (Mateus 5), ao dizer “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos Céus”. Jesus aqui se refere a todos os que reconhecem que só conseguirão a salvação com a mediação de Cristo e não por seus próprios méritos.

Deixamos como reflexão para a Conferência a seguinte passagem da Bíblia: “Nosso Senhor Jesus Cristo, sendo rico, por vós fez-se pobre a fim de que vos enriquecêsseis com sua pobreza” (2ª Coríntios 8,9). Meditemos nessas palavras que tocam em profundidade nossos corações. ➡

\* *Vicentino Brasileiro.*



# COMPARAÇÕES

Por mais que se queira evitar a frase feita, não é possível. E nesta época do pronto a vestir e da casa pré-fabricada em peças, o lugar comum tem o seu cabimento.

As comparações, por exemplo. Temos tendência para comparar umas coisas com outras, e muitas dessas comparações estão já feitas, é só aplicá-las. Por exemplo:

AS CORES – “Branco como a neve”. “Meninas do rio triste, / Vinde lavar ao alegre; / A água do nosso rio / Faz a roupa como a neve”.

“Ficou branco como a cal da parede”, enquanto outro se pôs “vermelho como um pimento”, e outro anda “amarelo como a cera”.

“Faz lua como sol” ou “está escuro como breu”; “claro como água” ou “negro como um chamiço”.

O PALADAR – O chá “está doce como o Céu”, ou “amarga como trevisco”. Aquele que “bebeu como um açude”, no dia seguinte “tem a boca a saber a papel de música”.

A TEMPERATURA – “Está quente como o lume”; “ainda é vivo quem o aqueceu”. “O café quer-se quente como o Inferno, negro como o Diabo e doce como o Céu”.

“Está frio como gelo”; “frio como a neve”.

O TAMANHO – Aquele “é alto como um pinheiro”. Fulano “é gordo que nem um nabo”. Outro, pelo contrário, é “um pau de virar tripas”.

O PESO – “Isto pesa como chumbo!”. Aquilo, pelo contrário, “é leve como um pássaro”.

A CONSISTÊNCIA – “É duro como o ferro”; “duro como ossos”. De um problema difícil dizemos que “é um osso duro de roer”. Quem não tem pulso ou firmeza “é mole como as papas”. Quem não se verga “é duro como aço”. Mas “duas pedras ásperas não fazem farinha”.

“Duro com duro não faz bom muro”.

AS VIRTUDES E OS VÍCIOS – O Evangelho diz: “Sede prudentes como as serpentes, e simples como as pombas”. Mas infelizmente nem todos o somos. Tal indivíduo “é torto que nem um arrocho”, e outro “é mau como as cobras”. Aquele “é teimoso que nem um burro”, e outro “morde pela calada”. Estas comparações com animais são muito vulgares. Quem ataca à falsa fé, “tem o marrar baixo”. Quem bruscamente se despediu do emprego diz-se que “atirou com a albarda ao ar”; e se um é perigoso “é preciso prendê-lo curto”. Depois de uma boa reprimenda, “foi-se com o rabo entre as pernas”.

Alguns “berram que nem um boi num vale”, enquanto outro está “calado que nem um rato”. Uns são amigos “como a unha com a carne”, outros “amigos como o cão com o gato”.

Todos estes dizeres “são mais velhos que a Sé de Braga”, mas ainda acrescento três quadras populares:

“Com os pássaros do campo / Eu me quero comparar: / Andam vestidos de penas, / O seu alívio é cantar”.

“Se pensas que eu, por cantar, / A vida alegre me corre, / Eu sou como o passarinho / Que até canta quando morre”.

“Quem me dera uma lima / Para li-

mar a garganta, / Para cantar como a rola, / Como a rola ninguém canta”.

E agora, para entregar esta prosa, com os transportes em greve, vou “à pata como o cão”, eu que já não corro “como um galgo”, mas quase “como a tartaruga”.

Mas “como quem não quer a coisa” vou dando achegas para algum dicionário. 🐢

*In “Calhau Rolado”*



# TANTO A GREGOS COMO A BÁRBAROS...

*Tanto a gregos como a bárbaros,  
Tanto a sábios como a ignorantes  
eu sou devedor.*

**S. Paulo, Carta aos Romanos.**

A palavra crise continua a marcar a vida das sociedades ocidentais e da portuguesa em especial. Os ecos da encíclica “*Caritas in Veritate*” tornam-se cada vez mais actuais e pertinentes. Fala-se demais de depressão e menos de esperança, e é fundamental ouvir a mensagem cristã. «Quem escuta as Minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a casa sobre a rocha. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; mas não caiu, porque estava fundada na rocha» (Mt., 7, 24-25). Eis a lição futura que temos de reter. Impõe-se lançar o desafio de «renovar a Igreja» e «animar a sociedade». Renovar a vida eclesial em nome da exigência de uma mais efectiva partilha de responsabilidades, no contexto duma sociedade pluralista e diversa. Há, no fundo, que assumir a vida comunitária, à imagem e semelhança da experiência dos Actos dos Apóstolos. Então dizia-se desses primeiros cristãos: «Vede como eles se amam». E nós que temos a dizer? Procuramos re-encontrar a pureza do amor cristão?



O amor do próximo e o cuidado (a palavra caridade foi esquecida?) relativamente aos outros constituem factores essenciais no sentido da dignidade da pessoa humana que, nas suas origens, a actual crise financeira, económica e social esqueceu. Daí a necessidade de voltarmos a ouvir o apelo de João XXIII relativamente aos sinais dos tempos. Importa estarmos atentos à sociedade que nos rodeia e aos acontecimentos que a caracterizam,



sabendo ligar os sinais de Deus aos acontecimentos quotidianos. Flannery O'Connor dizia que a Graça apenas pode ser vista e compreendida plenamente quando a liberdade a pretende suspender. Assim entenderemos a sua ausência. Isso mesmo também no-lo disseram romancistas como Dostoiévski em «Os Irmãos Karamazov», Léon Bloy em «La Femme Pauvre», Georges Bernanos em «Journal d'un Curé de Campagne» ou Graham Greene em «O Poder e a Glória».

João XXIII afirmou: «Contrasta clamorosamente com essa perfeita ordem universal (criada por Deus) a desordem que reina entre indivíduos e povos, como se as suas relações mútuas não pudessem ser reguladas senão pela força» (PT., introdução). Para além da renovação da Igreja, do seu «aggionamento», é urgente animar a sociedade – tornando-a dinâmica, renovada e sobretudo centrada nas pessoas e na humanidade. A sociedade livre e responsável tem as suas raízes nas “Bem-Aventuranças”, daí que, perante o domínio da ilusão, das aparências e do imediatismo, devamos olhar o tempo largo e o futuro. O mau general é o que discute a razão da última batalha perdida. Pelo contrário, o que importa é prepararmo-nos para a próxima batalha, tirando lições da experiência. «Para a frente é que é caminho!». A tentação de criar bodes expiatórios no passado para aquietar as consciências não é assumir a responsabilidade, mas

torná-la difusa e vã. A responsabilidade exige a resposta (essa a sua etimologia), o que só é possível através da compreensão, da antecipação e da acção. Como recordava, há tempo, o Padre José Tolentino Mendonça: «O Evangelho para ser vital tem de ser recebido como palavra transformante, como fermento colocado na massa. O cristianismo não coincide com nenhuma realidade política, mas em todas introduz uma tensão de amor, de justiça e de verdade. O cristianismo tem um sonho. Aqueles cristãos que dizem: ‘Eu não quero sujar as mãos na realidade do mundo’, como lembra Charles Péguy, acabam rapidamente por ficar sem mãos». («O Hipóptamo de Deus e outros textos», Assírio e Alvim, 2010, p. 64). Temos, pois, de assumir a ousadia da esperança, que significa pôr em primeiro lugar o que pode unir-nos. A conversão moderna (como sempre aconteceu) obriga à criatividade, à coragem de agir, à demanda da Verdade e da Vida, num mundo de incerteza. Quem tem ouvidos que oiça! 🌐

*In “Voz da Verdade”*





## OFERECER O DIA

Jesus, a tua vida sobre a terra nunca foi tua. Viveste cada dia a oferecer-Te ao Pai, na força do Espírito, para a salvação do mundo, para nos arranjar um lugar no Céu. Nem um só minuto dos teus cerca de 33 anos foi dedicado a pensar em Ti, em interesses e pretensões egoístas. Os Teus pensamentos e planos, palavras e obras tiveram sempre uma dedicatória de glorificação a Deus e de salvação da humanidade. Assim, rezo para que este meu dia seja vivido em oferecimento:

*Meu Deus e meu tudo, quero viver o dia de hoje com o coração centrado em Ti, liberto das cadeias do egoísmo tirano. Ajuda-me a imitar Jesus, no seu oferecimento quotidiano a Ti, sem nada deixar de fora: orações, trabalhos, alegrias e sofrimentos deste dia. A nossa pobre pequenez ofe-*


*recida a Ti torna-se grande riqueza, pois a enches do Teu amor imenso. Ofereço, ó meu Deus, sobretudo a mim mesmo, o que quero e desejo, o que penso e amo, e todas as pessoas que fazem parte da minha vida. Obrigado pela paz e alegria que experimento ao cair na conta que este dia não é meu, mas é o Teu dia em mim.*

Uno-me às intenções do Papa Bento XVI para este mês:

*- Que os sacerdotes, unidos ao Coração de Jesus, sejam sempre verdadeiras testemunhas do amor providente e misericordioso de Deus.*

*- Que o Espírito Santo faça surgir, no seio das nossas comunidades, numerosas vocações missionárias, dispostas a consagrarem-se plenamente à difusão do Reino de Deus.*

## ENTREGAR A NOITE

Milhares de vezes, Jesus, contempleste o Sol que se despidia de Ti, para dar lugar à Lua nocturna, e sempre agradeceste a graça de mais um dia de salvação. Ao findar esta jornada, quero repousar a minha cabeça sobre um travesseiro de agradecimento. Mais uma vez, foste um amor perfeito no jardim da minha vida e nem os espinhos do meu egoísmo conseguiram calar o teu perfume de bondade infinda. Quero que o meu sono não seja um intervalo vazio, mas um hino de agradecimento. Em sonhos te direi mil vezes obrigado. 

*In “Mensageiro do Coração de Jesus”*

# UMA ESPIGA VAIDOSA

*Sobre o mar verde do trival, destacava-se a promessa solitária de uma espiga. (...)*

*Em certa manhã de Maio, o sol beijando-a na frente, prometeu-lhe: - “Tu serás a espiga dos grandes destinos!”*

*Desde aquele instante a espiga cresceu, afagando a sua altíssima vocação. Por sobre a ondulação verde do trival soprou demoradamente o vento abrasador de Julho. Baforadas de fogo doiraram as messes.*

*E noutra manhã apareceram uns homens armados de brilhantes foices recurvas. Na aldeia tinha soado a hora da ceifa. A espiga, ao ver como as suas outras irmãs se dobravam ao golpe da foice, exclamou, jactanciosa:*

*– “A mim não me cortarão. Eu sou a espiga dos grandes destinos.”*

*Momentos após sentia na sua carne a mordedura do aço. E caiu de bruços sobre o sol ardente.*

Lopez Arroniz

In, Momentos

O autor coloca-nos diante de uma espiga, que pela descrição, sobrepunha o seu porte altivo bem acima das outras, o que lhe merecera um galanteio enamorado do sol que a fazia crescer, mas numa vaidade tal, que ela muito ciosa do que ouvira passou a julgar-se superior às outras companheiras do trival, a ponto de não aceitar de modo nenhum a hora da ceifa.

Assim não aconteceu.

A reflexão que esta espiga vaidosa sugere na linha do que nos diz Lopez Arroniz, que conduz o leitor por reflexões teologais que não cabem neste apontamento, embora nos tenham moldado a reflexão, é que num certo dia, após o manguai ter desfeito a espiga sobre as lajes da eira e a mó a ter feito em farinha,



sentiu uma grande alegria ao sentir-se transformada em pão.

A vaidade transformara-se em humildade e cumpria, afinal, a missão para que fora criada no trival do lavrador. Quantos de nós, fomos ou ainda somos, como aquela *espiga vaidosa*, crescendo em bicos de pés, cheios de uma importância falsa?



A este propósito merece ler ou reler o Príncipezinho, de Saint-Exupéry, quando ele nos fala do *quarto planeta*, propriedade de um *homem de negócios*, que a si mesmo, para garantir, supostamente, a sua importância passava os dias ocupado em coisas menores, como contar: três e dois cinco. *Cinco e sete doze...* até concluir por *quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um*.

Interrogado pelo Príncipezinho sobre o que representava aquele número imenso, respondeu que era uma soma de estrelas.

– *E o que fazes com quinhentos milhões de estrelas?* – perguntou-lhe, este.

– *O que faço?* – Nada. Possuo-as.

O Príncipezinho após uma delonga em que ouviu outros argumentos do homem importante, disse-lhe:

– *Quanto a mim*, continuou ele, *posso uma flor que rego todos os dias.* (...)

E rematou, afirmando, que era útil à sua flor. Quanto a ele não era útil às estrelas.

Aquele homem tinha de si mesmo uma importância falsa.

A espiga vaidosa, correu o risco de se igual àquele *homem de negócios*. Era rica de muitos e fartos grãos que quis esconder avaramente, por cima das outras: – *A mim não me cortarão. Eu sou a espiga dos grandes destinos.*

E afinal, não era.

O seu destino era outro e muito mais alto.

Por fim, devemos concluir que há imensos *homens de negócios* por aí, que gastam os seus dias contando e recontando *estrelas*, sem tempo para pensar se o que fazem é útil a alguém, deixando-se enredar no dia a dia e tomando como essenciais, gestos inúteis que consomem tempo e paciência, num turbilhão de somas, às vezes de resultados nulos de que ninguém se serve, a começar por eles mesmos.

Como isto não conduz o homem a qualquer parcela de felicidade própria nem colectiva, é preciso rever a importância que damos a nós mesmos, e abaixada a vaidade de sermos *espigas de grandes destinos*, tenhamos a humildade de sermos fraternos, fazendo da *espiga humana* que somos pão para os outros. 🌐

In “Site – Paróquia de Benfica”

# LENDAS DO NOSSO PAÍS

O nosso país é rico em lendas e narrativas fantásticas que os nossos avós nos contavam ao serão. Essas lendas fazem parte da nossa história, da nossa cultura e eu convido-vos a todos que nos enviem uma pequena história verdadeira ou não, que se conte na sua terra, sobre algum lugar sagrado ou sobre a construção de algum monumento ou sobre alguém que se tivesse distinguido pela sua obra. Essa mensagem de cultura enriquece-nos o espírito e proporciona-nos a oportunidade de dar a conhecer aos outros algo do lugar onde nascemos ou vivemos.

Moro perto da serra de Sintra, vila cheia de mistério, de misticismo. Da minha varanda vejo o Palácio da Pena, tal como nos contos de fadas, rodeado de uma luz rosada e outras vezes metido em penumbra. Vila visitada por muita gente famosa. Lord Byron escolheu-a para escrever a sua poesia.

Esta serra, conhecida por monte da lua, enche-nos de magia. Quanto mais nela penetramos mais sentimos que não estamos sós. Muito haveria para falar: os palácios, as casas senhoriais, o velho hotel em ruínas onde Eça de Queiroz situou o seu romance dos Maias, mas o que eu realmente gostaria de dar a conhecer é o Convento de Santa Cruz mais vulgarmente conhecido por Convento dos Capuchos ou Convento da cortiça, recentemente intervencionado. Conta a lenda que durante uma caçada na serra, ao perseguir um veado, o 4.º vice-rei da Índia, D. João de Castro, perdeu-se e adormeceu de cansaço debaixo de um penedo. Sonhou que deveria construir nesse

local um templo. Ele faleceu no ano de 1548 sem que tivesse tido a oportunidade de cumprir esse sonho, legando essa obrigação ao seu filho, D. Álvaro de Castro.



Aqui se instalou a Ordem dos Frades Menores de São Francisco, composta por 8 frades, sendo o mais conhecido, Frei Honório que, de acordo com a lenda, viveu perto de 100 anos, tendo passado as últimas três décadas da sua vida em penitência, sobrevivendo só com pão e água, habitando uma pequena gruta dentro do Convento, por ter caído em tentação junto de uma bonita rapariga que não era outro senão o diabo disfarçado para o tentar. O seu corpo jaz na Igreja do Convento.

A pobreza foi levada ao extremo na construção deste convento, com uma área muito reduzida e com várias celas cujas portas eram revestidas a cortiça com altura inferior à de um homem, obrigando-os a uma posição de humildade. Os elementos decorativos eram raros, reduzidos ao mínimo. No refeitório existe uma grande laje de pedra a servir de mesa, oferta do Cardeal D. Henrique como prova da sua admiração pela vida que eles levavam.

Este Convento foi abandonado em 1834 com a extinção das ordens religiosas que o regime liberal determinara.

Muito haveria para dizer mas esta é a história de um convento pobre, humilde no meio de uma linda serra e rodeado de ricos palácios. ➡

# CARA DE AMBOS OS LADOS

Já sinto esta história como minha, tantas vezes a conto, tantas vezes a recordo. Considero-a particularmente aplicável aos tempos que correm, propícios à viragem dos lábios para as botas, ao desânimo, ao cruzar de braços, ao desespero.

Tem os jovens como destinatários preferenciais. Mas vale para todos nós. E, sobretudo, para todos os nossos momentos de depressão, de angústia, de desânimo.

Quem a conta é José Luís Martín Descalzo, jornalista espanhol já falecido. Intitulou-a: «O destino e a coragem».

A história transporta-nos à II Guerra Mundial. Tem como protagonistas o general japonês Nobunaga e o seu exército. E reza assim:

“O General japonês enfrentava, na última guerra, um exército muito superior ao seu.

Nem ele nem os seus soldados confiavam na vitória. As suas tropas, compostas de homens do povo japonês, fortemente supersticioso e fatalista, estavam certas de serem literalmente arrasadas. Nobunaga, antes de entrar em combate, dirigiu-se a um santuário xintoísta, e ali disse aos seus soldados: – «Rezaremos agora aos nossos deuses, e depois lançaremos uma moeda ao ar, para que eles nos digam se venceremos ou sairemos derrotados. Se for cara, a vitória será nossa. Se for coroa, retrocederemos. O destino nos revelará o seu rosto». Lançou a moeda ao ar e deu cara. Os soldados encheram-se de tamanha ânsia de lutar que, embora inferiores em número, conseguiram uma estrondosa vitória. Na manhã seguinte, um dos ajudantes disse a Nobunaga: – «A verdade é que ninguém pode mudar a cara do destino». «É verdade» - respondeu o general, – enquanto mos-

trava uma moeda falsa, com cara de ambos os lados”.

Comentando esta história, Martín Descalzo confessava:


“Gosto desta visão do destino. É ele uma moeda que, para os valentes, tem cara de ambos os lados, e para os covardes é coroa nas duas faces. É que aquele que sai para a vida ou para a guerra seguro de ir ser derrotado, sê-lo-á com certeza. O que está decidido a construir a sua vida, cedo ou tarde o conseguirá.

Sinceramente eu nunca acreditei em génios derrotados. Pode haver algum caso, mas eu sempre vi vencer os corajosos, e decididos.

[...] Meus amigos jovens [exorta Martín Descalzo] lançai ao ar a vossa vida. Se o que levantaiis é uma soma de coragem e de esperanças, sair-vos-á, mais cedo ou mais tarde, cara e vitória. Se é amargura que vós atirais ao ar, já estais derrotados. Nesse caso, pelo menos, não sejais tão loucos que atireis as culpas ao mundo ou ao destino. Mais vale serdes sinceros, a deitardes as culpas para a moeda falsa em que convertestes a vossa vida”.

Estamos no mês de Maio. Que não nos fala de guerra – os contextos mudam -, mas de fé, de uma mulher persistente, de Nossa Senhora. Fez da sua vida uma soma de esperança e coragem. Por isso venceu e está coroada como Rainha do Céu e da Terra, na glória eterna, junto de Deus.

Sirva-nos de modelo. Exactamente nos dias que correm.

É a Mãe quem nos assegura: vale a pena acreditar. Luta. Confia. Não te deixes abater. Deus está contigo. Faz a tua parte. E a moeda da vida há-de mostrar-te “cara de ambos os lados”. 

*In “Ecos do Sameiro”*



# VISITA DE VICENTINOS BRASILEIROS



No dia 02 de Junho, o Conselho Nacional recebeu a visita dos vicentinos Renato Lima, Vice-Presidente Territorial Internacional América-3,

e Júlio César Marques de Lima, Coordenador da Zona-2 da Vice-Presidência Territorial Internacional América-3.

Os vicentinos do Conselho Nacional, Correia Saraiva, José Martins e Alda Couceiro, acompanharam-nos durante a tarde numa visita ao Santuário de Fátima. Tivemos oportunidade de trocar experiências dos dois países. Falámos de uma nova experiência que já está a funcionar no Brasil: Conferências de crianças dos 08 aos 15 anos que é um projecto que está a ter muito êxito, por diversas razões entre as quais uma




muito importante que é rejuvenescer as Conferências, visto que aos 16 anos passam para as Conferências já existentes.



Ao fim da tarde, já em Lisboa, fizemos uma visita à sede do Conselho Nacional, onde se juntaram a nós, a Clara, o David Lopes e o Moutinha Rodrigues, também membros do Conselho Nacional.

Continuámos a troca de ideias durante um jantar com que terminou a visita.



É sempre enriquecedor receber vicentinos de outros países. 

# Conselho Central de Braga

## Encontro de encerramento do ano Vicentino

Tal como constava do plano de actividades do Conselho Central, e dando seguimento a uma tradição com alguns anos, decorreu no passado dia 14 de Junho junto de Nossa Senhora do Sameiro, o encontro Diocesano para o encerramento do ano Vicentino.

Estiveram presentes aproximadamente uma centena de Confrades representando os Conselhos da Zona de Braga, Guimarães, Vila Verde, Vieira do Minho, Vale do Pelhe e a Conferência do Sagrado Coração de Jesus de Fafe.

O Conselho de Zona de Vila do Conde não se fez representar mas justificou a ausência.

Vindos dos diversos pontos da Diocese, os Confrades foram-se concentrando no recinto, e pelas 15.00 horas deu-se início ao desfile em direcção ao Santuário durante o qual rezámos a oração do terço meditado.

De seguida deu-se início à celebração da eucaristia onde foram recordados todos os Vicentinos falecidos da nossa Diocese e que foi presidida pelo Conselheiro Espiritual do Conselho Central, o Reverendo Cónego Macedo.


Na sua homilia o Cónego Macedo exortou todos os presentes a continuarem perseverantes na sua dedicação aos mais frágeis e mais carenciados, deixando transparecer a sua satisfação pela presença de um tão

significativo número de confrades neste acontecimento.

Terminada a Eucaristia todo o grupo foi saborear o delicioso chá, e os famosos salgadinhos do restaurante Sameiro generosamente oferecidos pela D. Mariazinha, sua proprietária, que todos os anos por altura deste evento faz questão de brindar os Vicentinos cedendo para o efeito, gratuitamente, o espaço e o respectivo serviço.

Durante o convívio o presidente do Conselho Central aproveitou para fazer a apresentação formal do recém-criado Conselho de Zona de Vieira do Minho, que foi ovacionado com uma enorme salva de palmas, recebendo de todos os parabéns, palavras de estímulo e encorajamento.

Depois de demonstrar o seu regozijo pelo ambiente saudável e fraterno que era bem visível entre todos os presentes, e transmitidas algumas informações e esclarecimentos, o presidente do Conselho Central, em tom de encerramento, desejou a todos felicidades nesta pausa para férias, mas lembrou que devemos todos ficar alerta e prontos para qualquer emergência, **uma vez que a pobreza e a doença não fazem pausa para férias.**

O Conselho Central de Braga deseja a todos os Vicentinos de Portugal umas óptimas férias. 

# Conselho Central do Porto

## Morreu o Padre Carlos Galamba

«Padre Carlos como carinhosamente o tratávamos. Padre Carlos Galamba, ou Padre Carlos do Gaiato, como era conhecido, deixou o nosso convívio na terra no passado dia 22 de Abril, após galopante e impiedosa doença.

Conheci-o numa das tradicionais festas dos Gaiatos no Coliseu do Porto, nos finais dos anos 60, princípios dos anos 70 e dele gravei até hoje a imagem de um pai com um dos seus mais pequeninos ao colo: um dos “batatinhas” de então. Por ele conheci o Padre Américo, cuja Obra ao serviço dos mais frágeis me apaixonou, aprofundando essa ligação na leitura dos vastos escritos que o Fundador da Obra da Rua nos legou.

Cruzámo-nos anos mais tarde nas reuniões dos Movimentos e Obras da Diocese, convergindo ambos nos mesmos objectivos, pois animávamos o mesmo propósito de serviço, embora Padre Carlos, na condição de mestre e nós na outra de aprendiz.

Granjeámos reciprocamente a amizade que muito me aprouve. Vi sempre em Padre Carlos um conselheiro de rara sensibilidade, no trato com os mais pobres e mais tarde senti-o como aliado nas lides em que me empenhei, no serviço vicentino e aos mais pobres também.

Sendo uma referência que muito prezei, ouvi-o frequentemente quando tive que tomar importantes decisões. Foi a advertência no momento certo e o estímulo galvanizador, quando as circunstâncias o impuseram.

Conversámos bastante sobre o nosso país, sobre a Igreja em Portugal e, sobretudo, sobre os pobres e sobre o Padre Américo também. Senti quanto apreciava as Conferências Vicentinas e quanto delas esperava, para que mais e mais pobres fossem atendidos. Na mesma dimensão do Padre Américo, estimulava com a sua presença, palavra e gestos, o funcionamento da vida vicentina na Diocese do Porto e fora dela.

Estimulou-nos como ninguém na construção da Casa Ozanam, Obra que os Vicentinos estão a levar a cabo em S. João de Ver, Santa Maria da Feira, para serviço dos mais pobres. A ele devemos a orientação que desde a primeira hora norteou esta iniciativa dos Vicentinos do Porto.

Foi pois um amigo e um conselheiro que nos deixou. Partiu de mãos cheias e de coração a transbordar, ao encontro do Senhor da Vida, que serviu como Sacerdote exemplar. Agora, porque muito amou e serviu, experimenta a recompensa dos eleitos: “Vinde benditos de Meu Pai,

porque tive fome, sede, frio e estive só e tu Me acolheste”. Padre Carlos está pois no lugar que merece e lhe estava reservado. Intercederá muito melhor junto do Pai pela obra que deixou na terra, pela Sociedade de S. Vicente de Paulo e cada uma das suas Conferências, que tanto acarinhou e estimulou e por todos nós,

para que, seguindo o seu exemplo, façamos a vontade do Mestre, sirvamos fraternalmente com esperança, na alegria do Ressuscitado, valorizando a vida que o Padre Carlos soube receber e transmitir abundantemente. 🌊

*Manuel Carvas Guedes»  
In “O Gaiato”*

## CASA OZANAM

### Concerto Coral a favor da Casa Ozanam

A 15 de Maio deste ano de 2011 aconteceu que o Centro Social Pe. Ramos, em Lavra, foi testemunho de um abraço solidário da Academia de Música de S. Mamede, da poetisa Maria de Lurdes dos Anjos, dos cerca de 350 espectadores amigos e dos muitos que colaboraram mas não puderam estar presentes, tudo com a organização do Conselho de Zona de Santo Amaro de Matosinhos.

Bem hajam todos!

Não podemos deixar de referir os dois grupos que a Academia de Música de S. Mamede apresentou: O Grupo Coral da PT e o Orfeão de S. Mamede de Infesta, coordenados ambos pelo mesmo Maestro, mas tudo com uma grande qualidade musical, com cerca de 80 vozes em palco.

A poetisa Maria de Lurdes dos Anjos, com a declamação eloquente dos poemas que recitou, incluindo



um de sua autoria, fez subir muito o nível do evento.

Lá do Céu, Ozanam agradeceu todas estas boa-vontades, já que o produto do evento vai direitinho para ajudar a terminar as obras da 2ª. fase da Casa Ozanam que tem o seu nome e que o Conselho Central do Porto está a acabar de construir no Concelho de Vila da Feira.

O nosso muito obrigado. 🌊

*Maria Fernanda Maia*